

## PROTAGONISMO UNIVERSITÁRIO NO CAMPO DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

GUILHERME YOKOBATAKE<sup>1</sup>; ALINE RAMOS<sup>2</sup>; JULIA CHRISTINA MACIEL<sup>3</sup>;  
ELIANE PARDO<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [gui.kenichi@gmail.com](mailto:gui.kenichi@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [nugen@ufpel.edu.br](mailto:nugen@ufpel.edu.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [juliacmaciel@gmail.com](mailto:juliacmaciel@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas– [elipardo@terra.com.br](mailto:elipardo@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Visando institucionalizar as pautas feministas e LGBTs a gestão da UFPel (Universidade Federal de Pelotas/RS) criou no ano de 2017 o NUGEN, Núcleo de Gênero e Diversidade sexual da UFPel, diretamente ligado ao Gabinete do Reitor e componente da Coordenação de Inclusão e Diversidade. Tendo como princípios a igualdade de direitos e a não discriminação por sexo, orientação sexual e identidade de gênero, o NUGEN é um núcleo criado em meio ao crescimento de uma onda conservadora em caráter mundial, para atuar no combate ao machismo, sexismo, misoginia e homofobia/transfobia na Universidade.

Ao levantar os princípios citados, questiona-se o posicionamento, a aprendizagem e as contribuições da universidade para essa luta, e descobre-se a necessidade de transformar tais pautas em conteúdos e metodologias de ensino para promover debates a fim de construir políticas afirmativas para que tais princípios não sejam acobertados pelo crescente pensamento conservador que, como contraposição, provoca dor, violência, desigualdades e sofrimento físico, psicológico, e no trabalho, que são historicamente naturalizados. Ferraro diz que o pensamento conservador se apoia em um tripé: o malthusianismo social, no darwinismo social e no neoliberalismo, e os valores conservadores ressurgem de acordo com a crise do capitalismo e que para continuarmos precisamos entender que:

Todos emergem em momentos de crise do capitalismo. Todos são movimentos tipicamente reacionários, isto é, de reação contra os reais ou supostos desvios de rota em relação aos ideais liberais. Todos se insurgem contra a interferência crescente do Estado, particularmente no campo social. Todos carregam o ranço ideológico típico de um profundo pessimismo. Todo tem um cunho fundamentalista, pregando por isso o retorno ao passado, imaginada pureza da fé liberal original. Todos buscam na naturalização do social a legitimação da exclusão. (FERRARO, p. 99-117, 2005)

Perante o social, o enfrentamento entre sujeitos e o levantamento de bandeiras para oferecer um melhor convívio no ambiente universitário, abre-se espaço para a pergunta: É possível ser feliz na desigualdade?

Dados da pesquisa encomendada pelo instituto Avon em parceria com o instituto de pesquisa Data Popular, revelou que quase 70% das mulheres já sofreram violência (sexual, psicológica, moral ou física) em universidades no Brasil. O instituto ouviu mais de 1,8 mil estudantes das 5 regiões do país e a pesquisa Violência Contra a Mulher no Ambiente Universitário publicada em 2015 revela que 25% das universitárias já foram agredidas por terem rejeitado investidas nas dependências das instituições de ensino, tanto por parte de alunos quanto de professores (MOTA, 2016).

Entre as ondas morais que a nossa conjuntura social caminha, juntamente com a formação profissional e humana do Nugen/UFPEL, é criada *Corpos, Gêneros, Sexualidades*, disciplina de 51 créditos, ofertada de forma optativa em três turmas semestrais pelo banco universal e disponível para todos os estudantes universitários. O Conteúdo aborda o campo de gênero e diversidade sexual problematizado a partir das pautas internacionais e locais do cenário social atual como igualdade de gênero, não discriminação por sexo, orientação sexual e identidade.

Como objeto de pesquisa, entre os períodos de 2017 a 2020, a disciplina *Corpos, Gêneros, Sexualidade*, tem como população alvo seus participantes (alunos, convidados e monitores) e registra, descreve e analisa o processo de construção como uma política institucional afirmativa para a formação universitária

Tendo o seu ineditismo e protagonismo social uma das suas principais condições, há uma fragilidade que parece ser prudente ter uma retroalimentação constante da construção curricular para atingir uma política efetiva de combate à discriminação de gênero no interior da universidade.

Temas como gênero e diversidade sexual atravessam territórios construídos historicamente através de termos binários, opostos e excludentes, portanto, inimigos, evidenciando a heteronormatividade historicamente imposta. Tais territórios visam combater o preconceito institucionalizado, a sensibilização e respeito às diferentes identidades de gênero e aos direitos humanos e visa, utopicamente, uma sociedade não pautada no sexo e suas práticas de controle através do biopoder (FOUCAULT, 1988). Foucault também discute sobre a passagem de um poder pastoral próprio às práticas cristãs de controle, sobre o corpo dos sujeitos onde o sexo substitui a soberania do sangue calcada sobre as novas ciências sexuais emergentes dessa nova configuração:

Foram os novos procedimentos do poder, elaborados durante a época clássica e postos em ação no século XIX, que fizeram passar nossas sociedades de uma simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade. Não é difícil ver que, se há algo que se encontra do lado da lei, da morte, da transgressão, do simbólico e da soberania, é o sangue; a sexualidade, quanto a ela, encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações (FOUCAULT, 1985).

## 2. METODOLOGIA

Como trabalhar os temas do campo de gênero e diversidade sexual?

Os métodos de observação, descrição e análise desses processos são outros (Cartografia) bem como o paradigma que sustenta sua concepção teórico-metodológica Paradigma ético-estético / Caosmose / Heterogenese / Ecosofia / Genealogia / Esquizoanálise / Pesquisa-Intervenção.

Compreendendo e desenvolvendo atividades teóricas e práticas através de exposição, debates, rodas de conversa, material visual, participação de convidados e outros, a disciplina problematiza as relações universitárias sob a ótica do gênero e diversidade sexual e atravessam também os campos da ciência, trabalho, mídia, religião na configuração da sociedade biopolítica, capitalística e heteronormativa que assinala a criação dos gêneros e dos sexos como construções sociais e culturais e possuem raízes na Teoria Queer,

juntamente com conceitos das filosofias de Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari, assim como autoras feministas como Simone de Beauvoir, Ângela Davis, Judith Butler, Leticia Lanz, Paul Preciado, entre outros. A temática dos encontros são: transgêneros, feminismos, padrões corporais, lutas LGBTQs, cinema queer, gordofobia, novas masculinidades, redução de danos, Ativismo, mulheres e religiosidade, casa de acolhida, feminismo negro, mulheres e treinamento físico etc.

Através desses métodos, os participantes são convidados a assumirem uma postura de intercessores dessa construção, analisando, descrevendo e avaliando o processo de construção, e participando nele concomitantemente.

Os processos avaliativos seguem essa dinâmica e colocam a necessidade do posicionamento e da autorreflexão inclusive sobre os dispositivos disciplinares presentes na proposta da disciplina que entram em conflito, porém, próprios a organização dos currículos universitários (frequências, notas etc.). As avaliações permitem agregar contribuições que retroalimentam a disciplina. A autorreflexão desses dispositivos e suas funções na conjuntura desenhada atestam a tentativa de diluir fronteiras entre o ensino, a pesquisa e a intervenção.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil dos estudantes matriculados na disciplina englobam mulheres, homens, transgêneros, agêneros, negros e negras, com idade entre 18 e 65 anos, de diversos cursos da universidade como odontologia, gastronomia, cinema, artes visuais, educação física, psicologia, enfermagem, letras, terapia ocupacional, agronomia, ciências da computação, engenharia de produção, teatro, design, história e dança.

Deleuze(1992) diz que “sem emoção não há nada. Não há interesse algum.” e tomando essas palavras e aplicando em uma sala de aula, torna-se um convite para participação do corpo, interessado, conectando com tudo o que é compartilhado e com todos que estão presentes, formando um tecido alegórico com várias texturas e experiências, deslocando o centro de interesse perante os tópicos discutidos e construindo um texto maior.

Trazidos das lutas sociais, o campo de conhecimento é marcado por conceitos encharcados de experiência e também pelo apelo político e ideológico, demandando um currículo que consiga ter um exercício teórico metodológico com o intuito de:

- atrair, sensibilizar, construir espaços de cumplicidade e empatia para que temas de luta como os Direitos Humanos, que articulam discursos políticos, científicos, religiosos, econômicos.
- provocar, informar e produzir deslocamentos importantes do território das moralidades e dos comportamentos para o território do conhecimento científico, como os debates em torno da “cura Gay” ou do aborto como questão de saúde pública ou questão estatal religiosa.
- colocar em xeque a lógica binária que define os sujeitos como macho ou fêmea, que implica que os gêneros serão dois, e que a sexualidade deve ser exercida com alguém de sexo/gênero oposto.
- escapar de posições extremistas, discursos de ódio, ideologias político-partidárias, panfletos, *fake News*.
- assinalar a demanda por uma ética coletiva. Como perguntou-se Foucault:

...se o nosso problema atualmente não é, de certa maneira, semelhante a este, desde que a maioria de nós já não acredita que a ética esteja fundada na religião, e nem quer um sistema legal que interfira na nossa vida moral, pessoal, privada. Movimentos recentes de liberação se ressentem do fato de que eles não podem encontrar princípio algum sobre o qual basear a elaboração de uma nova ética. Eles precisam de uma ética, porém não podem encontrar nenhuma outra ética que não seja uma ética alicerçada no chamado conhecimento científico do que seja o eu, do que é o inconsciente, o desejo etc. (Foucault, 1984).

O processo de experimentação coletiva dessas temáticas coloca os participantes em atividades de reflexão e análise dos quadros sociais apresentados, dos programas ofertados, das expectativas anunciadas bem como da sua própria condição no mundo, seu lugar de fala, sua tábua de valores. Por serem temas ligados aos valores morais, não raro acirram paixões, desequilíbrios, desconfortos demandam o exercício ético constante.

#### 4. CONCLUSÕES

Os estudantes buscam a disciplina por motivos variados. A grande maioria busca mais conhecimento no assunto e aprimoramento dos já obtidos, trocar aprendizado com colegas de outras áreas, aprimoramento profissional, compreender assuntos que são tabus na sociedade, bem como ter acesso a uma discussão que não tiveram acesso em seu curso de graduação e entender sobre um assunto muito requisitado em seus campos de trabalho, porém pouco explorado.

A diversidade dos grupos em movimento no cenário da aula atestam a presença do corpo no ambiente sendo possível anunciar ainda que precocemente, a constituição de uma ética coletiva que pressupõe uma constante “avaliação das condutas” a qual toma como referência a Si própria — “normas de vida”, “modos de existência imanentes”, um “amoralismo racionalista”, uma estética existencial que possa contrapor-se veementemente à moral fundada em valores superiores à vida ou à existência, em valores transcendentais, em valores reativos.

#### REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- FERRARO, Alceu. Neoliberalismo e políticas sociais: a naturalização da exclusão. In *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 1, p. 99-117, 2005
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- MOTA, Rafael. **ASSÉDIO NAS UNIVERSIDADES: A CULTURA MACHISTA E SUAS VÍTIMAS**. 2016. Disponível em: <<https://expressaosergipana.com.br/assedio-nas-universidades-cultura-machista-e-suas-vitimas/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.